

CICLOPES E PROFETAS NO RIO DAS AMAZONAS: HISTÓRIA E NATUREZA NO SÉCULO XVIII

WESLEY OLIVEIRA KETTLE*

“(...) astrônomo, homem de grande inteligência na sua profissão e digno também de grande estimação; e ainda que pela sua pessoa, e pelo seu préstimo não necessita de recomendação, contudo, pelo trato que aqui tive com ele não posso deixar de pedir a V. S^a. que com especialidade o favoreça, implorando também o mesmo favor para Domingos Sambuceti, seu ajudante, e mais que tudo desejo que se me ofereçam ocasiões em que possa dar gosto servir a V. S^a. Deus guarde a V. S^a. Muitos anos.

O trecho (*apud* MENDONÇA, 2005: 503-504) acima transcrito se refere a Giovanni Angelo Brunelli (1722-1804), nascido em Bolonha, membro da Comissão Demarcadora de Limites entre as possessões de Portugal e Espanha na América. Serviu a Coroa lusitana nesse empreendimento entre os anos de 1753 e 1761, tendo a oportunidade de entrar em contato, nesse período, com a natureza do Vale Amazônico e seus moradores.

A pesquisa que será aqui apresentada investiga como a natureza do Vale Amazônico foi relatada por Angelo Brunelli e como ele procurou dar um caráter científico ao seu discurso sobre o rio Amazonas, destacando a importância de sua experiência de oito anos na região e suas críticas ao trabalho do francês Charles Marie de La Condamine.

O “soberbíssimo” astrônomo bolonhês: Brunelli no Vale Amazônico

A carta escrita pelo Marquês de Tancos, com a data de 29 de Maio de 1753 (um pouco menos de três meses antes dos comissários desembarcarem na cidade de Belém), cujo trecho em destaque foi dela retirado, endereçada ao então governador e capitão-general do Estado do Grão-Pará e Maranhão Francisco Xavier de Mendonça Furtado¹ (1700 – 1779)

* Mestre em História Social da Amazônia pela Universidade Federal do Pará. Aluno do curso de doutorado em História Social pela Universidade Federal do Pará. Bolsista CAPES.

¹ Sobre a trajetória de Francisco Xavier de Mendonça Furtado ver: MAGALHÃES, J. A. R. de. Um novo método de governo: Francisco Xavier de Mendonça Furtado, governador e capitão-general do Grão-Pará e Maranhão (1751-1759). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 165, n. 424, p.183-207, jul.-set. 2004.

apresentou o objetivo do Marquês em destacar a figura e o trabalho de Brunelli dentre os demais comissários demarcadores. A correspondência também nos permite conhecer as relações que o astrônomo bolonhês estabeleceu antes de vir trabalhar no Vale Amazônico, seu prestígio diante da nobreza lusa e como estava disposta a interceder por ele.

A resposta do Governador do Grão-Pará e Maranhão ao Marquês de Tancos, em carta com a data de 12 de Novembro de 1753, revelou as primeiras impressões de Mendonça Furtado sobre o astrônomo bolonhês.

Ao doutor João Angelo Brunelli ofereci não só a minha mesa, mas a minha casa. Até agora se não serviu de nada disto, e vive retirado; desejo que ele conheça que eu o distingo como quem tem a proteção de V. Ex^a.

Como podemos perceber no trecho transcrito acima (apud MENDONÇA, 2005: 326), Mendonça Furtado havia entendido que Angelo Brunelli possuía relações com o Marquês de Tancos, e que tinha relacionamentos políticos relevantes em Portugal. Além disso, podemos também verificar que as primeiras impressões do Governador do Grão-Pará e Maranhão sobre o astrônomo bolonhês eram de um homem recolhido, com pouca vontade de estabelecer um relacionamento mais próximo.

A opinião que Mendonça Furtado formou sobre Angelo Brunelli logo nos primeiros meses de sua chegada em Belém foi cada vez mais consolidada no pensamento do governador do Estado do Grão-Pará e Maranhão. Nossa afirmação se sustenta a partir da leitura de documentos em que o astrônomo bolonhês é citado, especialmente quando Mendonça Furtado relata suas impressões sobre os estrangeiros que estavam no Vale Amazônico ao seu irmão Sebastião José de Carvalho e Melo (1699-1782), o Marquês de Pombal.

Dando notícia ao Marquês de Pombal sobre a chegada e o comportamento dos membros da Comissão Demarcadora de Limites, Mendonça Furtado estava preocupado com os conflitos ocorridos entre os comissários e com possíveis desentendimentos que poderiam suspender a tranqüilidade dos trabalhos de demarcação. Relatou a seu irmão que os membros “seculares” da comissão não lhe deram qualquer preocupação, os clérigos, ao contrário, por desentendimento na viagem, foram presos no “forte, e com dois dias de prisão ficou tudo

sossegado” (apud MENDONÇA, II, 2005: 8). Em seguida, demonstrou sua insatisfação com a atitude de Brunelli logo na chegada.

O Dr. Brunelli, que é um clérigo bolonhês, ao princípio me veio aqui dizer algumas palavras menos consideradas, que foi necessário falar-lhe um pouco mais forte do que ele imaginara, porque tinha assentado que a minha brandura era natural, e, como viu e ouviu dentro dos termos de toda a modéstia e moderação o que ele esperava de mim, se acomodou, em forma que até agora tem vivido no maior sossego. (apud MENDONÇA, II, 2005: 8)

É bem provável que por esse encontro mais ríspido relatado por Mendonça Furtado no trecho em destaque, Angelo Brunelli tenha dispensado os privilégios oferecidos pelo Governador, preferindo se afastar dele. Os anos se seguiram e os mais variados conflitos envolvendo os comissários aconteceram. Por esse tempo, a visão que Mendonça Furtado possuía a respeito de Brunelli parece não ter sido alterada.

Em carta endereçada a Dom Miguel de Bulhões² (1706-1778), bispo do Grão-Pará, em 08 de Janeiro de 1755, o Governador, narrando um problema que envolvia a alimentação dos comissários na expedição demarcadora em Mariuá, destacava seu descontentamento com as atitudes e o comportamento do astrônomo bolonhês ao promover intrigas por “miudezas” (apud MENDONÇA, II, 2005: 308).

Todas essas perturbações envolvendo o nome de Angelo Brunelli parecem ter levado Mendonça Furtado a confirmar sua impressão negativa do comportamento do astrônomo bolonhês, levando-o a escrever ao Marquês de Pombal, em Julho de 1755, as seguintes palavras:

O Dr. João Angelo Brunelli já veio de Lisboa com muito más ideias, introduzidas não sei por quem, mas é certo que quem fez esta obra nem amava os interesses do serviço de El-Rei, nem era grande meu amigo; e logo no princípio se deu a conhecer, como eu avisei V.Exa. naquela mesma frota; pela viagem [a Mariuá] fez uma quantidade de despropósitos que continuou aqui bastante tempo; hoje está em sossego. Deus queira que se não arrependa. É soberbíssimo e avarento em sumo grau e desconfiado. Dizem que sabe muito bem da sua profissão (apud MENDONÇA, II, 2005: 441-442).

² Sobre Dom Miguel de Bulhões ver: PINTO, Antônio Rodrigues de Almeida. *O bispado do Pará*. In: *Annaes da Bibliotheca e Archivo Publico do Pará*. Tomo V. Belém: Instituto Lauro Sodré, 1906.

O mesmo astrônomo bolonhês qualificado como “soberbíssimo”, “avarento” e “desconfiado” pelo governador do Grão-Pará e Maranhão, também tinha seu conhecimento científico reconhecido, indispensável para os trabalhos das demarcações da comissão. Parece estar aí o motivo de Mendonça Furtado continuar tentando manter uma relação ao menos profissional com Brunelli.

Sob o comando do governador Mendonça Furtado, a Comissão foi dividida em três tropas. Brunelli foi destacado como astrônomo da segunda tropa, que tinha como primeiro comissário o Sargento-maior Gabriel de Sousa Filgueiras, a qual possuía como tarefa de percorrer os rios Javari, Juruá e Purus, à margem direita do rio Solimões (MENDONÇA, II, 2005: 420).

Com o objetivo de se encontrar com a Comissão Demarcadora de Limites espanhola, os membros da comissão portuguesa, entre eles Angelo Brunelli, percorreram os rios amazônicos durante oitenta e oito dias até chegar em Mariuá no dia 28 de dezembro de 1755. Ali, esperaram os espanhóis, encontro esse que nunca se realizou. Os comissários contratados pela Coroa portuguesa retornaram para Belém no ano de 1758, desembarcando em seu destino final em 26 de dezembro daquele ano (REIS, 1993: 276-290).

Em 1759, o decreto de expulsão dos jesuítas dos territórios portugueses foi assinado pelo Marquês de Pombal. No ano seguinte, em carta escrita por Brunelli a Mendonça Furtado, temos a notícia de outro desentendimento envolvendo o nome de Angelo Brunelli, desta vez entre ele e Dom Frei Miguel de Bulhões e Sousa (AHU_ACL_CU0_13, cx 45, doc 4178). Em 1761, a bordo da charrua Nossa Senhora das Mercês, o astrônomo bolonhês regressou a Portugal obedecendo a Ordem Régia registrada no dia 04 de junho daquele ano, em ofício do Governador e Capitão-General do Estado do Pará e Maranhão, Manuel Bernardo de Melo e Castro (1716 -?), para o agora Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Francisco Xavier de Mendonça Furtado (AHU_ACL_CU0_13, cx 45, doc 4478).

Segundo Carlos Francisco Moura, em Portugal, no ano de 1765, Angelo Brunelli assumiu o cargo de professor de aritmética e geometria na Academia Real da Marinha, além de ser nomeado professor de matemática e filosofia do Real Colégio dos Nobres, criado por Pombal em 1761 (MOURA, 2008: 65; AGUILAR, 1935: 68-69). Veio a se aposentar em

1769 nessa mesma instituição, regressando então à sua cidade natal, Bolonha, falecendo em 1804, aos 82 anos.

Diante dos relatos escritos por Angelo Brunelli e os episódios em que ele foi envolvido em sua passagem pelo Vale Amazônico, podemos considerar que sua vida foi profundamente marcada por essa experiência, influenciando inclusive sua trajetória profissional. Seu último trabalho, intitulado “De flumine Amazonum”, publicado no ano de 1791 em Bolonha³, além de colaborar com essa afirmação também nos permite conhecer qual ideia sobre a natureza amazônica o astrônomo bolonhês possuía ao escrevê-lo.

Ciência, método e verdade: o discurso sobre o rio incomparável

“De flumine Amazonum”, que em português significa “Sobre o rio Amazonas”, foi escrito originalmente em latim por Angelo Brunelli sob a forma de discurso, possivelmente com o intuito de lê-lo para os membros da Academia de Bolonha. Ao elaborar o texto, o astrônomo bolonhês anunciou como propósito dissertar “sobre o maior rio de todo o orbe terrestre”, dando atenção ao curso dos rios que formam o rio Amazonas, destacando o do Negro, desde a região andina peruana até desembocar no oceano Atlântico (*apud PAPAVERO et al*, 2010: 524).

O discurso elaborado por Angelo Brunelli nos proporciona a oportunidade de perceber como ele expressou sua preocupação em produzir um conhecimento “verdadeiro” e, nesse sentido, inicia o texto prometendo ser cuidadoso nas informações que irá passar e “omitir de propósito” discussões “dúbias ou obscuras”. Ele procura valorizar seu relato considerando que seus “ótimos companheiros e ouvintes” escutarão um conteúdo mais das coisas que ele próprio vivenciou, e menos daquelas contidas em livros ou informadas por terceiros (*apud PAPAVERO et al*, 2010: 524).

Para Angelo Brunelli, é muito clara a diferença entre o que é verdadeiro e falso sobre o rio Amazonas, junto a isso, sua própria observação, seu olhar, faz toda diferença nessa distinção, lamentando a imprecisão e a falta de cuidado de alguns pelo fato de registrarem dados equivocados ou considerarem verdadeiras as informações incorretas, pelo fato de não procurarem observar os elementos *in loco*, como podemos perceber no trecho a seguir:

³ O discurso de Angelo Brunelli foi redigido em latim. Utilizamos sua tradução publicada no volume 5 do Boletim do Museu Paraense Emília Goeldi sob a autoria de PAPAVERO, N. *et al*.

Com efeito, muitas coisas são ditas por muitos sobre aquele rio, que não são verdadeiras ou que devem fazer parte de lendas; eu não houvera julgado assim facilmente se eu mesmo não tivesse visto todas as coisas nem navegado nas primeiras origens do rio até o oceano; eles, porém, caem no erro mais facilmente e mais frequentemente do que se pode dizer; costumam assumir muitas coisas como certas ou conformes com a verdade, que muito frequentemente são ditas por outros, se não com menos sinceridade, certamente com menos correção, e daí nasce uma discussão sobre coisas (*apud* PAPAVERO *et al*, 2010: 524).

Ao longo do discurso, Brunelli se mostrou crítico de informações “com menos correção”, e um objetivo ele pareceu ter muito claro: questionar a precisão dos relatos do renomado acadêmico francês Charles-Marie de la Condamine (1701-1774) sobre o rio Amazonas contidos no texto intitulado “Relation abrégée d’un voyage fait dans l’intérieur de l’Amérique méridionale” (*Paris, 1745*), no qual o autor descreve sua experiência de percorrer o referido desde Quito até Caiena, destacando que fora testemunha ocular do conteúdo de sua *relation*⁴.

Parece-nos que uma das ideias centrais de Brunelli parte da crítica de que por La Condamine ter tido a oportunidade de vivenciar em loco as experiências relatadas em seu trabalho, as informações equivocadas que constam em sua *relation* revelam um “douto e erudito” impreciso, falho ao se valer de um método de investigação que se deixa impressionar por uma “espécie de coisa milagrosa” que garantiria mérito à informação ao ponto de registrá-la. Nesse sentido, Brunelli ironiza perguntando: “E quem não se rirá desse novo e inédito método de provar de um francês?” (*apud* PAPAVERO *et al*, 2010: 532).

Junto com essa intenção de questionar os critérios de cientificidade do acadêmico francês, Brunelli não deixou de valorizar sua própria experiência no Vale Amazônico, que lhe deu condições de comentar e também duvidar dos resultados de La Condamine. Podemos perceber essas intenções no trecho em que o astrônomo bolonhês, ao discutir sobre a origem do nome do rio Amazonas, critica “o douto e erudito La Condamine” pelo fato de aceitar “a opinião dos que acreditam que outrora existiram ou que pudesse haver alguma república” das

⁴ Para uma análise sobre os relatos de La Condamine, ver SAFIER, Neil. Como era artiloso o meu francês: Charles-Marie de la Condamine e a Amazônia das Luzes. *Rev. Bras. Hist.*, São Paulo, v. 29, n. 57, June 2009.

Amazonas (*apud* PAPAVERO *et al*, 2010: 532) e completa destacando sua própria experiência sobre o assunto⁵:

Eu mesmo, que precisei passar a vida durante oito anos nesses mesmos lugares, ou estar presente por intervalos, onde poucos anos antes La Condamine tinha ouvido falar tanto das Amazonas, quando muitas vezes cuidadosamente procurei saber sobre o assunto, nunca encontrei ninguém que entendesse o que eu dizia. Fiquei sabendo que, além desse nome do rio, nenhum outro era conhecido e aceito por aqueles homens, que parecia, na verdade, poder referir-se de algum modo às Amazonas (*apud* PAPAVERO *et al*, 2010: 532).

A última parte do trecho citado acima, no qual Brunelli afirma não ter tido conhecimento sobre outro nome do rio Amazonas, nos leva a pensar que ele tinha como objetivo confrontar o argumento de La Condamine que indicava a existência de diversos nomes para esse rio (2000: 42).

Nesse sentido, também podemos destacar a crítica feita por Brunelli à imprecisão sobre o local de origem do rio Amazonas no trabalho do acadêmico francês. Apesar de reconhecer “que é muito difícil alguém poder definir qual de todas é a origem primeira desse tão grande rio, e qual a principal delas”, o astrônomo bolonhês observa contradições no argumento de La Condamine que afirmava ser a origem do rio Amazonas o rio Ucaiali⁶ embora este seja “muito menor” que aquele, e finaliza propondo que “se ele [La Condamine] quisesse, poderia ter duvidado menos. Poderia, pois, um pouco mais livremente, ter sido fixado por ele que entrar no rio Ucaiali é entrar no nosso [Amazonas] e, ao mesmo tempo, que é ele a sua origem principal” (*apud* PAPAVERO *et al*, 2010: 525).

Angelo Brunelli continuou seu discurso, procurando apresentar as falhas de precisão do estudo divulgado por La Condamine a respeito do rio Amazonas e a falta de precisão consequente do método utilizado pelo acadêmico francês.

⁵ Um trecho do trabalho de La Condamine, que serve de mote para a crítica de Brunelli é o seguinte: “Todos nos disseram que ouviram falar disso por seus pais, e juntaram mil particularidades longas demasiado para serem repetidas, e tudo tendente a confirmar que houve no continente uma república de mulheres solitárias, que se retiraram para as bandas do norte, no interior das terras, pelo rio Negro, ou por outro que pelo mesmo lado vem ter ao Maranhão”.

⁶ O rio Ucayali é o nome que recebe o rio Amazonas no trecho entre o rio Urubamba até o rio Marañon no Peru. Nasce ao leste da cordilheira andina e flui em direção ao norte peruano, unindo-se com o rio Marañon.

A medição da profundidade do rio é outro ponto questionado por Brunelli. Ainda falando sobre o rio Ucaiali, Brunelli relata que La Condamine diz ser tão profundo o local do encontro desse rio com o Amazonas que não pôde ser medido, criticando o fato de que o acadêmico francês “quase sempre diz isso quando trata da profundidade da água”, receando que essas informações estejam equivocadas, “mesmo sem querer”. Concluiu duvidando que o motivo para a não medição fosse apenas a profundidade do rio, ele diz:

Ainda que tenha feito aquele seu caminho com águas correndo na maior profundidade, não vejo realmente que só a profundidade da água pudesse fazer com que não conseguisse, tantas vezes, atingir o fundo do rio (*apud* PAPAVERO *et al*, 2010: 525).

Ainda sobre o tema das medições, mas agora se importando com a largura dos rios, Brunelli procurou demonstrar seu conhecimento sobre o tema, relatando a amplitude da foz do Amazonas “que alguns geógrafos não hesitaram em atribuir como sua medida 80 léguas ou mais” e do rio de “Pauxis [...] que não chega a mais do que 95 seis-pés parisienses”. Mais uma vez fazendo referência aos resultados apresentados na *relation*, o astrônomo bolonhês citou que La Condamine reclama como sua a definição da medida geométrica do rio de Pauxis e a correção para “50 léguas” do cálculo dos geógrafos sobre a amplitude da foz, “incluindo o intervalo entre o Norte e as ilhas chamadas de ‘Joanes’, que ficam entre promontórios” (*apud* PAPAVERO *et al*, 2010: 525).

Ainda sobre esse empenho de Brunelli em caracterizar cientificamente seu discurso, podemos citar seu relato sobre o peixe-boi, considerado por ele o maior de todos os peixes do rio Amazonas. Sua breve descrição procura buscar semelhanças com animais conhecidos pelo público que estaria assistindo sua comunicação, destacando sua afirmação sobre a classificação do “peixe” em questão:

Alimenta-se das ervas que brotam da água perto das margens dos rios, de tal forma que também isso pode parecer semelhante ao boi. Deve ser colocado completamente no gênero dos cetáceos. A fêmea pare os filhotes e alimenta-os com leite. Os machos, enquanto perseguem as fêmeas, tornam-se furiosos. e lutam entre si muitas vezes, até que o

mais valente e o que mostra as maiores forças consegue a fêmea (*apud* PAPAVERO *et al*, 2010: 528).

La Condamine, em sua *relation* não chega a classificar o peixe-boi como cetáceo, mas diz que “ele não é anfíbio propriamente, pois que não sai d’água, nem pode fazê-lo porque tem duas nadadeiras muito perto da cabeça”. Sobre essa descrição do acadêmico francês não há crítica direta partindo de Brunelli, mas podemos perceber sua preocupação em realizar uma descrição a partir de sua própria experiência, demonstrando sua capacidade de classificar o peixe-boi na ordem dos cetáceos.

Como demonstramos aqui, o discurso de Angelo Brunelli teve como objetivo destacar sua capacidade de elaborar um texto de caráter científico, explicando a natureza da região amazônica sob parâmetros respeitados pelos “ilustríssimos” companheiros que iriam ouvi-lo, valorizando-se ao criticar o trabalho realizado por Charlie La Condamine, exaltando sua experiência de oito anos no Estado do Grão-Pará e Maranhão no intuito de legitimar sua fala.

Podemos aqui perceber como a busca pelo caráter científico dos relatos de sujeitos como Angelo Brunelli, tinham dentre outros objetivos, valorizar os trabalhos de observação, legitimando-os entre seus pares. Também nos permite perceber como a natureza é explicada, uma tentativa de organizar a visão dos homens sobre plantas, rios e animais. Esse espaço também gerava disputas sobre o conhecimento que envolvia a discussão sobre a verdade, as práticas de observação e os métodos de pesquisas, revelando-nos um lugar dinâmico de disputas teóricas e legitimação da memória.